



O MAR REVOLTO QUE FOI MICHAEL DILLON: UM POEMA E SUA TRADUÇÃO

Thales Gabriel Trindade de Moura

Há poucas coisas que nos movem na vida como aquelas que se conectam às nossas experiências mais íntimas. Somos impulsionados pelos nossos desejos e passamos a vida toda apostando as nossas fichas na procura da nossa verdade. Buscamos um sentido para o nosso estar no mundo. Essa busca pelo autoconhecimento movimentou o mar parado do ocidente europeu na década de 1930, quando Michael Dillon resolveu empreender uma longa viagem para um lugar até então desconhecido e inabitado, o seu próprio eu. Não me recordo onde vi uma matéria sobre esse sujeito que aguçou a minha curiosidade e o que posso dizer é que a forma como me conectei a ele durante o tempo que se passou do contato com a matéria até aqui, me fez querer conhecer um pouco mais sobre sua trajetória. Michael Dillon foi um médico britânico e noviço monástico budista transmasculino. Sua história é relatada na autobiografia *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions* (2017), editada e com introdução por Jacob Laue Cameron Partridge e prefácio de Susan Stryker.

Jacob Lau e Cameron Partridge, jovens acadêmicos da Harvard Divinity School, são apresentados à história de vida de Dillon, em uma livraria de Massachusetts, no lançamento de sua biografia *The first man-made man* (2007) escrita por Pagan Kennedy. Ao saber que a biógrafa e pesquisadora teve acesso ao manuscrito de Dillon para escrever sua obra, os estudantes abordaram Kennedy, que gentilmente os cedeu fotografias digitais de *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*, finalizado em maio de 1962. Dez anos depois, no ano de 2017, o livro é publicado tendo como principal objetivo considerar a “plenitude narrativa do próprio autor”, seu estilo de escrito, seu ponto de vista sobre a sua história.

A importância histórica de Dillon se dá pelo fato de ele ser o primeiro homem trans que se tem notícia a se submeter a uma faloplastia (construção cirúrgica de um pênis). Antes da intervenção cirúrgica, ele foi apresentado às pílulas de testosterona sintética que haviam sido desenvolvidas por uma equipe holandesa em 1935, apenas quatro anos antes de iniciar a sua transição. Ele foi o primeiro



homem trans a utilizar a testosterona sintética para o processo transitório, estimulado por um médico que o entregou os comprimidos e abandonou o caso dizendo “Veja o que eles podem fazer por você”.

Dillon era um obcecado por conhecer a sua verdade e desde a infância tem uma conexão muito forte com a religiosidade, estabelecendo um laço de amizade com o reverendo C. S. T. Watkins, um dos vigários da igreja da Inglaterra que ele frequentara junto às tias. O reverendo Watkins teria se tornado um mentor para Dillon, incentivando-o a desenvolver reflexões teológicas para compreender questões mais profundas em sua existência.

O que se sabe, no entanto, é que o seu mentor da igreja da Inglaterra não foi o único responsável pelo desejo e interesse de Dillon pelos livros de Teologia. O fato é que a mãe de Dillon morre seis dias após o parto e seu pai tinha sérios problemas com o alcoolismo. O filho de Laura Maude será criado por duas tias solteironas, em Folkestone, cidade costeira situada próximo ao canal da Mancha na Inglaterra, com hábitos reclusos e devocionais muito criticados por ele. Em uma certa fase do início da adolescência, Michael Dillon começa a apresentar uma crise em relação à sua existência que ninguém poderia compreender. A vida pacata e sem sentido das tias solteiras o aterrorizava, ele se perguntava, então, qual seria o sentido da vida naquele lugar.

Assim, para além dos estudos do Cristianismo, Dillon passa a se dedicar ao estudo de filosofias esotéricas desenvolvidas por P. D. Ouspensky e G. I. Gurdjieff. Estudou textos de Lobsang Rampa, escritor que alegava ter sido um monge lama e, finalmente, entra em contato com o Budismo Theravada e Mahayana.

O confronto com o corpo é marcado por um episódio na escola, quando vivenciava a socialização feminina, como uma garotinha de 15 anos. A atitude foi notada por uma colega de escola que, preocupada com a saúde de Dillon, que, na época, ainda se reconhecia como mulher, convence-o a desistir da prática. Ao perceber o seu corpo metamorfoseando incontrolavelmente e desenvolvendo caracteres femininos, ele procura uma forma de conter a projeção da mama sob a camiseta. Instintivamente, a utilização de uma faixa para pressionar as mamas é a técnica adotada para não deixar transparecer uma leitura social feminina.



Ao completar o ensino básico, incentivado pelo reverendo Watkins, Michael Dillon ingressa em uma faculdade feminina em Oxford e começa a cursar Teologia. O curso não seria concluído, visto o desejo de ser uma diácona anglicana ter sido frustrado durante o desenrolar de seus estudos. Ele acaba migrando para o curso denominado por lá de “Clássicos” e que se dedica ao estudo de História, Literatura e Filosofia Grega e Romana.

Durante o tempo de faculdade, questões de gênero e sexualidade foram tensões constantes em sua vida. Passou a usar roupas e corte de cabelo masculinos e também a adotar atitudes que se desconectavam com o padrão de comportamento da época em relação às demais estudantes.

Ao se formar, Dillon se vê com dificuldades de arrumar um emprego. O seu modo de vestir e de viver fizera com que ele tivesse várias portas fechadas em sua trajetória profissional. Trabalha como mecânico, técnico de um laboratório e, ao começar a buscar uma resposta para a sua não conexão com o gênero feminino atribuído ao nascimento, decide estudar medicina e sexologia, no início da década de 1940, como forma de entender melhor sua identidade não conforme.

Antes mesmo de o médico Dr. Harry Benjamin escrever *The Transsexual Phenomenon* (1966), propondo técnicas para o atendimento de pessoas transexuais, Dillon foi pioneiro ao usar a própria experiência enquanto pessoa transmasculina sugerindo técnicas de tratamentos na literatura médica em seu livro *Self: An Essay on Ethics and Endocrinology* em 1946. Na obra, Dillon já problematiza a possibilidade da ingestão de hormônios sintéticos no processo de transição das pessoas trans, bem como a possibilidade de se realizar a sua faloplastia adaptando a técnica cirúrgica da reconstrução de órgãos genitais de soldados feridos em guerra.

Depois de formado, buscando fugir de jornalistas e dos tablóids, visto ter sido alvo da imprensa da época, Dillon se candidata como médico da Marinha Mercante que realizará uma excursão pelo Mar Vermelho. Esse exílio compulsório, iniciado em 1952, no entanto, se apresentará para Dillon como um lugar favorito. Embora excluído do seio familiar pelo irmão transfóbico, distante de sua terra natal, ele se sente tão confiante que procura a família pertencente a aristocracia inglesa da época, os Lismullen, para que seu nome nos livros da nobreza fosse atualizado pois ele desejava, após Bobby, constar na lista de herdeiros como o nono baronete de



Lismullen. Este gesto, no entanto, vai fazer com que a imprensa volte a fazer dele um alvo de notícias escandalosas.

No ano de 1954, Dillon acaba firmando um contrato de quatro anos com um navio de transporte de peregrinos muçulmanos a Meca. Em razão das longas viagens que fazia, ele ficava semanas sem notícias dos jornais ingleses e isso o afligia. Nesse período, ele se lança nos programas de autoaperfeiçoamento dos místicos G. I. Gurdjieff, P. D. Ouspensky e Maurice Nicoll que pregavam formas de autoexame e busca pela verdade. Para conseguir lidar com suas angústias, seus hábitos impulsivos e a pressão da perseguição da imprensa pelo seu caso, ele decide empreender mais uma mudança em sua vida, agora, voltada para o seu eu interior. Nesse trabalho de autoconhecimento, Dillon procurava trabalhar em si falhas de sua personalidade apontadas por colegas de trabalho. Após sua transição social, Michael compreendeu que tinha conseguido facilmente moldar seu corpo, mas o seu temperamento e sua mente eram mais resistentes. A jornada empreendida para se desfazer de sua arrogância aristocrática inglesa estaria apenas começando.

Curiosamente, no ano de 1956, Michael Dillon decide pedir uma licença da Marinha Mercante para passar um tempo com as tias em Folkestone. Ao chegar em sua terra natal, vê a casa e as tias em plena miséria. Embora possuíssem muito dinheiro guardado, Totó e Daisy se mostravam extremamente avarentas. O estado de saúde destas não era dos melhores e ele decide se estabelecer em chão firme por um tempo. Nesse período, trabalhando em um hospital da região, chega até ele a publicação de um livro intitulado *A terceira visão*. Em 1956, esse livro havia se tornado um *best-seller* e causava um burburinho por se apresentar como a autobiografia de Lobsang Rampa, um místico tibetano que teve a sua terceira visão aberta aos sete anos de idade, tornando-se conselheiro de Dalai Lama.

Ao ler essa obra, Dillon se sentiu atraído pela história de vida de Rampa e as anedotas contadas por ele pareceram tão reais que ele resolveu escrever uma carta ao autor. A carta foi respondida, eles chegaram a se encontrar em Londres e, no ano seguinte, o fã de Rampa decidiu passar uma temporada com ele em Dublin. Eles passaram duas semanas conversando sobre viagens astrais, metafísica, filosofia. O autor do *best-seller* parecia tão desajustado ao mundo quanto Dillon. Ao final desse período, o velho Lobsang Rampa leva o médico para um último passeio e o



convence de que sabia como ele passaria o restante de seus dias. Ele o convencer a fazer uma última viagem marítima e depois se exilar na Índia para aprender meditação. O conselho é seguido à regra.

Em 1958, Dillon retorna aos mares em um navio que carregava cargas entre Estados Unidos e Índia. O plano era trabalhar durante um tempo para arrecadar dinheiro e posteriormente passar uma temporada na Índia em um mosteiro tibetano. Pouco tempo após chegar ao trabalho neste navio, ele fica sabendo que o místico Lobsang Rampa. O velho não passava de um falsário que nunca havia colocado os pés no Tibete. Os comentários da imprensa, no entanto, não fazem Dillon perder o carinho pelo velho Rampa. Em uma manhã de maio de 1958, no entanto, o médico inglês é surpreendido com um telegrama da Inglaterra da agência de notícias Daily Express. No comunicado, a imprensa desejava saber se ele realmente pretendia reivindicar o título de no baronete de Lismullen, como sucessor de seu irmão após sua transição social. Nesse mesmo dia, comissários de bordo já vinham lhe avisar que o cais onde o navio encontrava-se atracado estava cheio de jornalistas a sua espera.

No dia seguinte, vários jornais e revistas estampavam a notícia de que o médico que atuava no navio *The City of Bath* era membro de uma família tradicional inglesa, a dos Lismullen, e havia se submetido a uma cirurgia de “mudança de sexo”. O fato de a notícia ter se revelado aos colegas de trabalho no navio fez com que Dillon ficasse extremamente desconfortável, uma vez que ele só queria se misturar na multidão.

Arrasado pela exposição, ele decide seguir o conselho do velho místico Rampa e partir para a Índia. A ideia inicial era fazer uma imersão no estudo do budismo tibetano, no entanto, ele acabou compulsoriamente indo buscar refúgio como noviço monástico budista. Chegando ao mosteiro em Kalimpong, Índia ele foi recebido por seu guru Sangharakshita, um inglês que havia se ordenado monge Theravada no ano de 1950.

Ao se apresentar a Sangharakshita, Dillon fala sobre sua transição de gênero, pois teme que os jornais o alcancem ali também, mesmo estando infinitamente distante do ocidente, escondido em um mosteiro no meio das montanhas. O monte parece ouvir serenamente e complacente a sua história, dizendo não se importar com



as circunstâncias que vieram levar o sujeito até aquele lugar. Como aluno, ele acaba recebendo um nome monástico de Jivaka. O próximo passo foi tornar-se noviço. Dillon, agora Jivaka, se despia de sua identidade ocidental e desejava ir além na busca da sua verdade. Ao fazer os votos, ele precisou se abster de todas as suas posses. Ele escreve aos seus advogados na Inglaterra e doa todas as suas economias para a caridade.

Ao mesmo tempo em que buscava se integrar no meio da multidão e não ser evidenciado como uma figura destoante, Dillon / Jivaka desejava pertencer a algum grupo. Esse sentimento de pertença, no limite, fez com que ele considerasse possível ter sua ordenação superior, caso cumprisse seus votos por mais de um ano. Ele considerava que pudesse ser igual a seu mestre Sangharakshita, o que não se fez possível. Um obstáculo iria se colocar diante da nova empreitada de Dillon/ Jivaka rumo a sua verdade. Havia uma lei no código monástico que proibia pessoas pertencentes ao “terceiro sexo” de se ordenar monges. Mesmo sem saber o que aquele código poderia categorizar como “terceiro sexo”, o noviço sabia que a realidade de sua identidade não-conforme o enredava, novamente, da inserção plena em um grupo.

O noviço budista Jivaka morre em 15 de maio de 1962 em um hospital na região de Punjab após um mal súbito que teve em uma passagem remota nas montanhas. Dias antes de falecer, ele havia enviado o manuscrito de suas memórias ao seu editor literário em Londres. A morte de Dillon / Jivaka acaba chegando primeiro ao editor do que o manuscrito. Naquela época, ele já dava sinais de extrema desnutrição devido às condições extremas de vida, mas há quem postule que ele possa ter sido envenenado. Dias antes

No meio do turbilhão que se tornou a sua vida, em busca de sua verdade, Dillon ainda encontrou tempo para escrever um livro de poesia, o *Poems of Truth* (1957), publicado de forma independente, à época. O poema transposto abaixo abre a autobiografia *Out of the Ordinary*, finalizado em 1952 e editado e publicado tardiamente em 2017. É atravessado por esse mar revolto que foi a vivência de Dillon que arrisco uma tradução de um de seus poemas. A meu ver, a peça é significativa para compreendermos um pouco de sua força e o modo como buscou enfrentar os grandes baques em sua trajetória de vida.



Understanding and Compassion

1

Deep black the night when the lightning flashed,
Which showed the foaming crests and spray flung high;
Sheer walls of water rearing to the sky
As waves on waves against each other crashed.
No rest, the struggle raging
As when a war is waging,
The sea against itself—against its will;
When suddenly a gentle Voice was heard,
Fraught with Compassion came the needful word:
“Peace!” Then the storm was stayed and all was still.

2

Tossed this way and that, a soul in torment,
Thoughts recurring o’er and o’er again,
Long wakeful nights and days of mental strain,
Love strove with hate and jealousy till spent.
No rest, the struggle raging
As when a war is waging,
A man against himself—against his will.
He took his life for lack of friendly hand,
For want of one to say: “I understand.”
This time no peace was there, though all was still.

– Michael Dillon



Compreensão e compaixão (Tradução)

1

Profundamente negra a noite quando o brilho de um relâmpago invade
Mostrando as cristas espumantes e os borrifos lançados ao alto;
Paredes translúcidas de água erguendo-se ao céu vasto
Como ondas que se chocam em franco combate
Sem descanso, a luta é travada
Como quando uma guerra é acionada
O mar contra si mesmo - contra sua vontade;
Quando de repente uma gentil Voz fez-se ouvida,
Cheia de Compaixão, veio a palavra precisa:
"Paz!" Então a tempestade cessou, veio a tranquilidade

2

Jogado de um lado para o outro, uma alma em tormento,
Pensamentos que se repetem a todo o instante
Longas noites de vigília e dias de tensão mental constante
O amor lutou contra o ódio e o ciúme até seu aniquilamento
Sem descanso, a luta é travada
Como quando uma guerra é acionada
Um homem contra si mesmo - contra sua vontade.
Ele tirou a vida por falta de acolhimento
Por falta de alguém para dizer: "Eu compreendo."
Desta vez não houve paz, tudo era tranquilidade.

– Michael Dillon²⁰

²⁰In: DILLON, Michael; JIVAKA, Lobzang. *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*. New York: Fordham University Press, 2017, p. 42. Tradução livre por Thales Gabriel T. de Moura.



Referências Bibliográficas

STRYKER, Susan. Foreword. In: DILLON, Michael; JIVAKA, Lobzang. *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*. New York: Fordham University Press, 2017. p. vii-x. (*ebook*)

KENNEDY, Pagan. *The first man-made man: the story of two sexes, one love affair, and a twentieth-century medical revolution*. 1st. US. ed. 2007. (*ebook*)

LAU, Jacob; PARTRIDGE, Cameron. “In His Own Way, In His Own Time”: An Introduction to *Out of the Ordinary*. In: DILLON, Michael; JIVAKA, Lobzang. *Out of the Ordinary: A Life of Gender and Spiritual Transitions*. New York: Fordham University Press, 2017. p. 1-25. (*ebook*)